

O FARDO DE SER: LEITURA COMPARADA EM “COM LICENÇA POÉTICA” DE ADÉLIA PRADO E “FORÇADAMENTE MULHER, FORÇOSAMENTE MÃE” DE DINA SALÚSTIO E ADÉLIA PRADO

THE BURDEN OF BEING: COMPARED READING IN “WITH POETRY LICENSE” BY ADÉLIA PRADO AND “FORCEDLY WOMAN, NECESSARILY MOTHER” BY DINA SALÚSTIO AND ADÉLIA PRADO

João do Nascimento dos Santos (UNIR)¹

Pedro Manoel Monteiro (UNIR)²

Raquel Aparecida Dal Cortivo (UNIR)³

RESUMO: O presente trabalho consiste em analisar a crônica “Forçadamente Mulher, Forçosamente Mãe” da escritora Dina Salústio e o poema “Com Licença Poética” de Adélia Prado, na busca de comparar o eu lírico presente no poema, o qual reconhece o peso de carregar uma bandeira, o qual vem acompanhado por nascer mulher, e a personagem do conto que sente o peso do ser mãe e do ser mulher, pois sua infância é interrompida por uma gravidez indesejável. Michelle Perrot (2008, p.69), ressalta que a maternidade “é um pilar da sociedade e das forças dos Estados, torna-se um fato social”, marcando esse processo com uma condição da mulher, ideia que o patriarcado busca manter. Portanto, discutiremos a questão levantada pelo eu lírico sobre “carregar a bandeira” de ser mulher, enquanto que na crônica Paula, passa por situação de violência que obriga ela a ser mulher e mãe, e nessa perspectiva enfatizaremos quais são os enfrentamentos que os textos apresentam que tornam esse “ser” um peso para o sujeito mulher.

PALAVRAS-CHAVES: Fardo de ser; Feminina/Feminista/Fêmea; Crônica e Poema; Dina Salústio; Adélia Prado

ABSTRACT: The present work consists of analyzing the chronicle “Forcedly Woman, Necessarily Mother” by the writer Dina Salústio and the poem “With Poetry License” by Adélia Prado, in the search to compare the lyrical self-present in the poem, which recognizes the weight of carrying a flag, which is accompanied by being born a woman, and the character in the story who feels the weight of being a mother and being a woman, as her childhood is interrupted by an unwanted pregnancy. Michelle Perrot (2008, p. 69), highlights that motherhood “is a pillar of society and the forces of states, it becomes a social fact”, marking this process as a condition of women, an idea that patriarchy seeks to maintain. Therefore, we will discuss the issue raised by the lyrical self about “carrying the flag” of being a woman, while in the chronicle Paula, goes through a situation of violence that forces her to be a woman and a mother, and from this

¹ Mestrando em Estudos Literários na Universidade federal de Rondônia (PPGMEL - UNIR), Bolsista CAPES. Licenciado em Letras Português e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia (2022). <http://lattes.cnpq.br/3738818385518211>

² Pós-doutor pela Universidade de Lisboa- FLUL - CLEPUL, sob supervisão de Ana Paula Tavares, trabalho na área da História da Literatura Africana, com o tema: Escritoras africanas no mercado editorial: séculos XX e XXI (2018-2019). Possui Doutorado em Letras: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (2014). <http://lattes.cnpq.br/1502933200046304>

³ Atualmente é professora Associada na Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (1998), mestrado em Letras Teoria Literária São José do Rio Preto pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002) e doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo - FFLCH (2017) <http://lattes.cnpq.br/1104061269028718>

perspective we will emphasize what are the confrontations that the texts present that make this “being” a burden for the female subject.

KEYWORDS: The burden of being; feminine/Feminist/ Female; Chronicle and Poem; Dina Salústio; Adélia Prado

INTRODUÇÃO

Diversos são os caminhos percorridos pelas mulheres para alcançar uma parcela de reconhecimento histórico-social, pois elas foram por muito tempo a sombra que sustentava os espaços privados, longe dos domínios públicos. A incansável luta contra o sistema patriarcal e opressor é o que as leva a ocupar os espaços político, editorial, científico, econômico e outros.

Os reflexos da invisibilidade e do silenciamento da mulher estão presentes também na Literatura, pois o cânone tanto no Brasil quanto em Cabo Verde, é marcado pela autoria masculina. Osana Zolin (2009, p. 328) descreve sobre o trabalho da crítica literária feminista na contemporaneidade, que busca “desmascarar os princípios que tem fundamentado o cânone literário”, na tentativa de promover visibilidade a mulher, pois no Brasil e no exterior até pouco tempo atrás não existia efetivamente literatura de autoria feminina.

Em Cabo Verde, segundo Pedro Manoel Monteiro (2014), Orlanda Amarilis é inscrita como “primeira escritora cabo-verdiana a ser referida no cânone”, tendo vista que sua primeira obra foi publicada em 1974, sendo a precursora da escrita de autoria feminina. Destaca-se essa escritora, pois sua representação nesse cenário editorial cabo-verdiano é o que abriu portas para os escritos posteriores de outras mulheres.

Esse enfrentamento da mulher diante do âmbito literário é o que volta nossos olhares para a escritora Adélia Prado e Dina Salústio, com intuito de aproximar seus textos, e metaforicamente evidenciar “o fardo de ser”, ser mulher.

A comparação proposta no trabalho consiste em analisar os aspectos da mulher enquanto sujeito, presentes no poema “Com licença poética” de Adélia Prado e na crônica “Forçadamente mulher, forçosamente mãe” de Dina Salústio. No poema há presença do eu lírico feminino, ao qual é anunciado um destino: “carregar bandeira”. A crônica apresenta Paula que por sua vez é “Forçadamente mulher”, ou seja, é traçado uma perspectiva masculina heteronormativo sobre o corpo desse sujeito.

A poeta brasileira Adélia Luiza Prado Freitas. Nasceu em Divinópolis (MG), em 13.12.1935, é conhecida como uma das grandes vozes femininas da Poesia brasileira, foi professora, formou-se em filosofia e seus primeiros poemas foram publicados em 1970 no tabloide literário Diadorim (jornal A Semana).

A cabo-verdiana Bernadina de Oliveira Salústio. Nascida na ilha de Santo Antão, em 1941, além de escritora, foi professora, assistente social e Jornalista em Portugal, Angola e Cabo Verde, reside atualmente, na ilha da Praia. Escreveu romances, contos e crônicas.

Sabemos que as duas escritoras são grandes vozes representativas da mulher na literatura em seus respectivos países, e, portanto, fazer a aproximação temática de seus textos, que ecoam de vozes e realidades diferentes, instigam ainda mais querer saber quem são as mulheres figurados neles.

A FORÇOSA BANDEIRA CARREGADA PELO SER MULHER

A comparação do poema “Com licença poética” e da crônica “Forçadamente mulher, forçosamente mãe”, se constituiu a partir do fardo de ser, e o peso de se afirmar enquanto sujeito “Eu sou”. Cada texto tem sua particularidade, pois se tratam formas diferentes e contextos históricos também diferentes na literatura.

Mesmo que o contexto não seja o foco desta análise, as escritoras cabo-verdianas só começam a ganhar espaço na literatura, no período da pós-independência de Cabo Verde no ano de 1975, enquanto que no Brasil já havia uma representação significativa das mulheres, pois Adélia Prado já se enquadrava em um período de escrita pós-moderna.

Antes adentrar na análise dos textos, vale ressaltar que o poema de Adélia é considerado uma paródia segundo a crítica, se comparado ao texto de Drummond, Silva (2015) ressalta que “Foi com esses versos de estreia, parodiando o *Poema de Sete Faces* do escritor modernista Carlos Drummond de Andrade, que a poeta abriu o seu primeiro livro, *Bagagem*, de 1976.”

A paródia presente no texto de Adélia que referência ao poema de Drummond, ocorre a partir do que Sant`Anna (2002) chama de “inversão”, ou seja, lado a lado os poemas percorrem um caminho de proximidade, porém o enredo é o que os diferem. Podemos observar como os anjos são apresentados no início dos poemas, em Drummond manifesta-se da seguinte forma “um anjo torto desses que vive na sombra”, já no poema de Adélia “um anjo esbelto, desses que tocam trombeta”. Sant`Anna (2002) acrescenta outro conceito de que “Modernamente a paródia se define através de um jogo intertextual”, ou seja, há uma clara a influência de Drummond no poema de Adélia.

A crônica de Dina Salústio “Forçadamente mulher, forçosamente mãe” em proximidade com o poema “Com licença poética” reflete no que Sandra Nitrini, define no contexto da comparação entre literatura de nacionalidades diferentes:

Diferenças e similaridades no campo das formas de consciência social nas diferentes literaturas nacionais resultam no aparecimento de várias formas de analogias e diferenças tipológicas. Ao mesmo tempo, analogias têm uma grande aplicação na comparação entre literaturas de nações diferentes, como estágios similares do desenvolvimento social e vice-versa (2000, p. 97).

Nesta perspectiva da proximidade temática é que se instaura a análise, apontando o primeiro confronto entre os textos. Ambos são iniciados com uma marcação de tempo, o poema inicia-se “Quando nasci” e a crônica “Em Setembro fará calor”, a presença dos verbos “nascer” e “fazer”, representa a primeira ação presente nos textos, os quais evocarão o complemento dessas ações demarcadas por circunstâncias temporais. Para favorecer o estudo, adiciono o poema de Adélia na íntegra:

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou. (Prado, 1993, p. 11).

O “nascer” presente no poema constitui uma ideia de individualidade, pois representa o nascimento do eu lírico, diferente da crônica que o verbo “fazer” traz uma ideia de impessoalidade, levando em consideração o fenômeno da natureza “calor” ao qual se refere o verbo. Então “fazer” da crônica não se refere a uma individualidade, pois a ação do verbo “fazer” não está ligada a um sujeito, ou seja, a primeira sentença não faz referência a um indivíduo.

O fenômeno da natureza representado pelo “calor” adquire uma metaforização concernindo a impessoalidade, pois é habitual que o sol apareça para todos, então a falta de sujeito presente na primeira sentença da crônica abrange a ideia de coletividade, ou seja, esse fardo de ser não recai apenas sobre Paula, mas sobre várias meninas de sua idade.

No poema “Com licença poética” antes de trazer o objetivo da ação de nascer, há a presença de um anjo que cumpre seu papel de mensageiro “esbelto, desses que tocam trombeta”,

Segundo Chavalier (1906, p. 61), “O anjo, em sua qualidade de mensageiro, é sempre portador de uma boa notícia para alma”, porém para o eu lírico “carregar bandeira” é um fardo: “Cargo muito pesado pra mulher”.

Então o anunciar do anjo, centra-se em “carregar bandeira”, diferente da crônica de Dina Salústio, a qual o verbo “fazer” determina o tempo futuro, “Para Setembro Paula terá seu filho”, ou seja, o fardo de Paula está em “carregar penosamente uma barriga enorme. Sozinha”.

Zolin, nos seus estudos sobre “Literatura de autoria feminina”, explica sobre as três fases da escrita das mulheres na literatura com embasamento em Showalter (1985), que são: Fase feminina, fase feminista e fase fêmea.

Deste modo percebe-se que o poema de Adélia transita entre a primeira e a terceira fase, feminina e fêmea, sendo a fase feminina é representada pela possibilidade de casar-se e ter filhos. A fase fêmea consiste na busca de uma identidade própria, ou seja, ela se reconhece enquanto sujeito, não se prendendo aos padrões do patriarcado. Segundo Franco Junior (1990)

O poema abre-se com um pedido, delicado e firme, anunciando uma ousadia, uma liberdade transgressora no trato com o fazer poético. O recurso à intertextualidade configura um diálogo como poema de Drummond, uma mirada num 'espelho' que devolve ao eu-lírico, por contraste, a sua imagem própria, a sua identidade de mulher e poeta. Estamos no domínio de uma consciência que, via poesia, busca sua identidade. (p. 148).

Na crônica de Dina Salústio, observamos uma literatura que se enquadra na segunda fase, feminista, pois seu foco central é a luta pelo direito e valores das minorias, no caso da mulher. A cronista vendo a situação de Paula se revolta, pois, a objetificação do corpo da mulher a falta de consciência é motivo não só de Paula, mas de outras adolescente terem sua vida interrompida pela gravidez precoce.

Para Adélia carregar bandeira é “Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada.”, referindo que levantar bandeira ainda não é suficiente, pois mesmo com toda personalidade desse eu lírico, sabemos que os discursos falocêntricos do patriarcado estão enraizados socialmente.

Rocha-Coutinho (1994, p. 53) retrata que “Uma das principais funções dos mecanismos linguísticos é desempenhar um papel no controle dos membros dos grupos dominados por parte dos membros dos grupos dominantes”, ou seja, ao aderirem ao discurso dominante imposto como algo natural, os dominados o internalização através da repetição constante, a ponto de não haver contestação.

O peso de ser aparece também na crônica de Dina da seguinte forma “Aos dezasseis anos não se devia ter filhos. A natureza não soube fazer contas. Aos dezasseis anos não devia carregar culpas. Nem vergonhas.”, a bandeira individual do eu lírico que abre caminhos para possibilidades é diferente da “natureza” que obriga Paula a carregar “uma barriga enorme”.

(...)o discurso da "natureza" feminina, os mitos da mulher-mãe(...) geraram os argumentos e estratégias institucionais específicas com que contará a modernidade para a produção-reprodução de um dos pilares da subjetividade feminina: o ser para os outros. (Rocha-Coutinho, 1994, p. 34).

A “natureza” está sempre em pauta no que se refere à maternidade seja de maneira voluntária ou involuntária como acontece na crônica, pois “Paula perdeu o olhar meigo e livre de adolescente”, sujeitando-se a um destino o qual não foi de sua escolha.

A possibilidade de escolha no poema “Com licença poética” demonstra que o eu lírico pode ou não aceitar carregar a bandeira, “Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir.”, ou seja, existe uma consciência de apropriação desses subterfúgios, que seria talvez uma espécie de fuga da sina de carregar a bandeira, sendo a mentira algo irrelevante para o eu lírico, pois não há necessidade para ela esconder a existência de artimanhas.

A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerando em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente. (Bosi, 2008, p.135)

No âmbito da escrita feminina podemos destacar os seguintes versos “Não sou feia que não possa casar/ acho o Rio de Janeiro uma beleza e/ ora sim, ora não, creio em parto sem dor.” Este trecho remete aos espaços privados imposto a mulher, ou seja, a constituição de um modelo de família tradicional.

A forma em que o trecho citado aparece, demonstra uma despreocupação do eu lírico em relação a ocupação desse espaço, entretanto sua maior sina ela cumpre, “Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina. /Inauguro linhagens, fundo reinos/— dor não é amargura”. Para Perrot (2008, p.16) “escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas”, pois a “invisibilidade e o silêncio da mulher fazem parte da ordem das coisas”.

Essas “linhagens” a que se refere Adélia, não está relacionada a uma linhagem materna, e sim a um embate com a escrita canônica masculina, pois segundo Zolin (2009, p.217) constata-se que “a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina”, então aceitar “cumprir a sina” inaugurar linhagens, é fazer uma reescrita histórica do cânone a partir da ótica feminina/feminista/fêmea.

Diferente da sina do eu lírico no poema, a sina de Paula revolta a cronista, pois não há reação, ou reivindicação sobre aquela situação que ocorre corriqueiramente como o sol de Cabo Verde, “Queria vê-la com raiva. Revoltada. Decidida.”, pois seu fardo não vem de escolha ou de possibilidades, mas sim da violência com podemos observar:

Queria que ela e todas elas se juntassem e calassem para sempre os latidos daqueles que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites. Com seu ódio. E que os desfizessem com as suas mãos de mães abandonadas. E os afogassem impiedosamente nas lágrimas todas as crianças traídas. E esfomeadas. (Salústio, 2002, p.35).

A violência presente na crônica é parte de um reflexo das relações de poder entre dominante e dominado, Zolin (2009, p.218) esclarece que o papel da crítica feminista consiste na política de interferência social, pois faz-se necessário o “desnudamento” da ideologia das relações de gêneros, objetivando “desperta o senso crítico e promover mudanças de mentalidades”.

O desespero da adolescente presenciado cotidianamente pela cronista, causa incomodo, devido seu corpo ser usado apenas como objeto e por se tratar de um fenômeno da “natureza”, Paula não tem consciência de mulher-sujeito, então sua reação diante do seu estado é “chorar as escondidas”.

O eu lírico do poema de Adélia apresenta uma alegria que remete a uma linhagem “Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô.”, diferente de Paula que aos dezesseis anos carrega a sina de ser “forçosamente mãe”. O fardo de ser mãe aos dezesseis, nas condições apresentadas pela cronista, se distancia das possibilidades de escolhas tornando-a “forçadamente mulher”.

Paula não é uma mulher que se encaixa nos padrões de maternidade com um ato de constituir uma família, ela simplesmente é vítima “daqueles que perseguem manhosamente nossas meninas”, resultado de um padrão patriarcal heteronormativo. Essa marca da maternidade indesejada, e outros tipos violência contra a mulher, estão explícitos em outros textos de Dina Salústio que compõe a coletânea “Mornas eram as noites”.

Mas Paula chora às escondidas. E tem esperança. Ainda. Porque a esperança dos dezesseis anos é última coisa a deixar-se ir. Mas secará com o primeiro leite do primeiro filho. Secará como os sonhos da adolescente forçadamente mulher. Forçosamente mãe.

Para Setembro haverá calor. (Salústio, 2002, p. 36)

A cronista utiliza o advérbio “Ainda” de maneira isolada, pois o mesmo marca o tempo passado e futuro, deste modo a indicação da esperança de Paula é algo que se tem até o presente momento, porém logo “secará”, ou seja, se acabará depois do primeiro filho.

A circularidade do tempo na crônica reflete que “Para Setembro haverá calor”, ou seja, mesmo que todos esses fatores negativos estejam acontecendo com Paula, a natureza continua seguindo seu percurso, demonstrando que a maternidade rouba qualquer possibilidade de sonhos que ela sonhará quando “juntava as conchinhas cor de rosa na praia”.

Segundo Badinter (1985, p. 224) “a atenção materna é um luxo que as mulheres pobres não se podem permitir”, pois em sua maioria são mulheres que se encontram na posição de Paula “Sozinha”, e nas difíceis condições dessas mulheres “O filho continua sendo um fardo pesado, de que ela muitas vezes tem vontade de livrar”.

No poema de Adélia, diferente da crônica o eu lírico prossegue da seguinte maneira “Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. /Mulher é desdobrável. Eu sou.”, ou seja, a maldição do homem é ser “coxo” é não ser reto, isso recai sobre quando o anjo que anuncia o nascimento do homem diz “Vai, Carlos! Ser *gouche* na vida.” (Drummond, 1973, p.3).

Diferente do que anuncia o nascimento da mulher, que diz “vai carregar bandeira”, e mesmo que o eu lírico utilize dos subterfúgios ela não foge de sua sina, porque mulher é “Desdobrável”, assumindo assim seu fardo enquanto mulher-sujeito “Eu sou”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da comparação entre a crônica “Forçadamente mulher, forçosamente mãe” de Dina Salústio, e o poema “Com licença Poética” de Adélia Prado, podemos afirmar que se tem “dois pesos e duas medias”, levando em consideração o fardo de ser do eu lírico, e o fardo de ser de Paula, apresentada pela cronista.

A princípio as bandeiras simbolicamente carregadas em ambos os textos, se diferenciam no decorrer do enredo, tendo em vista que para o eu lírico, mesmo que seja um cargo pesado, ela cumpre sua sina “escrever”, pois mesmo se sujeitando aos subterfúgios para evitar o peso do fardo que é carregar a bandeira, ela considera que “Mulher é Desdobrável. Eu sou”, aceitando assim sua missão anunciada pelo anjo.

Na crônica o fardo de carregar bandeira consiste na maternidade involuntária, que se dá através da objetificação do corpo da mulher, reflexo do processo de dominação do gênero masculino, então Paula não tem possibilidade de escolher ou não carregar esse fardo de ser mulher. E esse fardo não recai apenas sobre ela, é como o calor de Setembro em Cabo Verde,

fator “naturalizado”, que recai sobre as adolescentes “forçadamente mulher, forçosamente mãe”.

Ainda em comparação aos textos, reforçamos mais uma vez o conceito da escrita de mulheres apresentada por Zonlin (2009) segundo Showalter (1985), para concluir que a escrita de Adélia Prado e Dina Salústio também se diferenciam na questão da consciência literária enquanto mulheres.

Feminina e Fêmea é a consciência expressa no poema de Adélia Prado, pois ela se apropria dos subterfúgios, que seria sua fuga, adentrando aos espaços que constituem padrões de dominância, assim como também ela se reconhece enquanto sujeito-mulher, marcando assim sua identidade “Eu sou”. Feminista é como se expressa a escrita de Dina Salústio, pois o olhar enquanto cronista se volta a situações cotidiana das minorias, a sua voz de revolta presente no texto ecoa como um grito que busca liberdade para as aquelas adolescentes violentadas.

O “fardo” pode até recair sobre seu destino, porém “carregar a bandeira” apresenta a “ruptura” do destino da “forçadamente mulher”. A literatura escrita por mulheres como Adélia Prado e Dina Salústio, rompe a invisibilidade e o silêncio das mulheres, diante de um sistema patriarcal, pois são mulheres inscritas como representantes das vozes femininas, em locais dissemelhante, porém com discursos análogos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Reunião (10 livros de poesia)**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BONNICE, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3º. Ed. Maringá: Eduem, 2009.

CHEVALIER, Jean-Claude; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 18 Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

COELHO, Nely Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

FRANCO JUNIOR, A. **Adélia Prado: a palavra do verso e o verso da palavra**. Travessia (UFSC), Florianópolis, v. 21, p. 143-159, 1990.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção, edição e organização). **Dina Salústio - poeta e prosadora cabo-verdiana**. Templo Cultural Delfos, dezembro/2022. Disponível no link. (acessado em 15/07/2023).

MONTEIRO, Pedro Manoel. **Caminhos da ficção cabo-verdiana produzida por mulheres: Orlanda Amarílis, Ivone Aínda e Fatima Bettencourt**. São Paulo. 2013.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. São Paulo: Siciliano. 1993. p. 11

ROCHA COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro. Editora ROCO, 1994.

SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as noites**. Praia: Instituto cabo-verdiano do livro e do disco, 2002.

SILVA, Nivana Ferreira da. FERREIRA, Élide Paulina. SACRAMENTO, Sandra; KOCH, Ingedore G. Villaça. BENTES, Anna Christina. CAVALCANTE. Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogo possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

Recebido em: 27/09/2023

Aprovado em: 10/02/2023

Publicado em: 24/06/2024



10.29281/r.decifrar.2024.1a_3